

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL

**Sobre fazer geografia:**  
**Universidade, cidade e experiência na produção de conhecimento**  
**geográfico**

Fernanda Evelyn Soucek  
Prof. Orientador Dr. Eduardo D. Girotto

São Paulo,  
Fevereiro de 2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Fernanda Evelyn Soucek

**Sobre fazer geografia:**  
**Universidade, cidade e experiência na produção de conhecimento**  
**geográfico**

Trabalho de Graduação Individual apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para conclusão do curso de Bacharelado em Geografia, orientado pelo Professor Doutor Eduardo Donizeti Giroto, com a intenção de apresentar e repensar a formação (d)e conhecimento em geografia.

São Paulo,  
Fevereiro de 2019

## RESUMO

Apresento neste trabalho as experiências que me formaram enquanto geógrafa; desde a apreensão conceitual até a elaboração de projetos autônomos, participação em pesquisas e instituições de ensino não formal, entre outras ações relacionadas a “fazer geografia”. Todas as atividades retratam o momento em que me percebia enquanto geógrafa com potencial para não só ensinar, mas mudar a minha comunidade através dos conhecimentos passados. A educação popular e a autonomia dos indivíduos são o pilar destas linhas, assim como a valorização do que é produzido na comunidade de prática, no ambiente em que vivemos - e não apenas no departamento de geografia, na academia. Através dos relatos aqui contidos, apresento as possibilidades de ver e fazer geografia na minha realidade, no meu cotidiano - tencionando que assim aprenda e evolua em conjunto com “os meus”.

**Palavras-chave:** educação popular; autonomia; produção; geografia

## RESUMEN

Introduzco en este trabajo las experiencias que me formaron en calidad de geógrafa; desde la absorción conceptual hasta la elaboración de proyectos autónomos, participación en estudios y instituciones de enseñanza no-formal, entre otras acciones relacionadas al “hacer geografia”. Todas las actividades retratan el momento en que me apercebía como geógrafa con el potencial para no solo enseñar, sino también cambiar mi comunidad por medio de los conocimientos transmitidos. La educación popular y la autonomía de los individuos son el pilar de estas líneas, así como la valorización de lo que es producido en la comunidad de práctica, en el ambiente en que vivimos, y no solamente en el departamento de geografía, en la academia. Por medio de los reportes aquí contenidos, introduzco las posibilidades de ver y hacer geografía

en mi realidad, en mi cotidiano; teniendo la intención que así se aprenda y evolucione conjuntamente con “los míos”.

**Palabras claves:** educación popular; autonomía; producción; geografía

## **ABSTRACT**

This paper introduces the experiences that formed me as a geographer; starting from the conceptual apprehension up until the elaboration of autonomous projects, participation in researches and institutions of non formal teaching, among other actions related to “geography-making”. All the activities depict the moment when I noticed myself as a geographer with the potencial for not only teach, but also change my community through the transmitted knowledge. Popular education and the autonomy of the individuals are the pillar of these lines, as well as the valuing of what is produced in the community of practice, in the environment we live, and not only in the geography department, in the academy. By the reports here compiled, I introduce the possibilities of seeing and making geography in my reality, in my daily life, by intending that, in this way, one can learn and evolve along with “my own kind”.

**Keywords:** popular education; autonomy; production; geography

## DEDICATÓRIA & AGRADECIMENTOS

### **Dedico**

À dona Ida que me possibilitou explorar o mundo com as mãos  
Aos outros avós que me possibilitaram conhecê-lo<sup>1</sup> com os pés  
À Suely, minha mãe, que ensinou a compreendê-lo humanamente  
Ao Claudio, meu pai, que ensinou os segredos para decifrá-lo fisicamente  
Aos momentos e companhias que mais me ensinam a apreciar a vida

### **Agradeço**

Por todo incentivo mesmo sem compreender os motivos  
Por toda paciência, amor e cuidado em diferentes momentos  
Por todos os ensinamentos que levaram a e contribuíram com essa formação  
Por todas as situações que nos envolvem  
Aos que estão presentes, aos que já foram; Agradeço!

Por toda orientação (pra vida) que o professor Giroto manifestou neste e noutros trabalhos, além da sensibilidade que só um educador dispõe.

Pelos conselhos, dicas, revisões, pelo aprendizado e insistência de amigas (Jaque, Moni, Bia, Vitória) e principalmente do meu companheiro Willian nas últimas fases de elaboração deste trabalho, pela paciência de todos com o “meu tempo”, por cada reconhecimento da minha geografia, enfim, por todo o ambiente que proporcionou estas páginas, desde as pessoas que impulsionaram as experiências até as citações, só tenho a agradecer!

É graças a vocês que estou aqui e posso continuar.

LAIFISGUDI!

---

<sup>1</sup> Cabe uma pequena curiosidade familiar: minha avó paterna, Ida, morava conosco e por isso não me deslocava para ir até a casa dela (mas lá podia explorar todo um mundo no quintal). Já os outros avós seguiam a distância Barueri (avó Bernadete) - Araras, interior de SP (avô materno Edmundo) e Praia Grande-SP (avô paterno Djalma) o que implicava um certo deslocamento e os primeiros conhecimentos de mundo.

*Vai já pra dentro, menino! Vai já pra dentro estudar! É sempre essa lengalenga, quando o que eu quero é brincar... Aprende-se o tempo todo, dentro, fora, pelo avesso, começando pelo fim, terminando no começo! Se eu me fecho lá em casa, numa tarde de calor, Como eu vou ver uma abelha a catar pólen na flor? Como eu vou saber da terra, se eu nunca me sujar? Como eu vou saber das gentes, sem aprender a gostar? Quero ver com os meus olhos, quero a vida até o fundo. Quero ter barro nos pés, eu quero aprender o mundo. (Pedro Bandeira)*

*Como nós, a cultura não é, está sendo, e não podemos esquecer seu caráter de classe. (...) Quanto não ganharia o conhecimento humano, as ciências humanas e a própria sociedade se a criatividade do operário encontrasse um espaço livre para se manifestar. (Freire e Faundez)*

*A sensibilidade é a base de toda ciência. (Odette Seabra)*

## Sumário

Introdução	6
Da autora	11
Teorias e Métodos	13
Dos momentos	15
Iniciação à pesquisa	17
Observações a partir da Paisagem	19
Atividades teórico práticas de aprofundamento ou Prática Enquanto Componente Curricular	30
Considerações Finais	37
Referências	42
Anexos	45

## Introdução

*Os geógrafos vão abrir-se para novas discussões e buscar caminhos metodológicos até então não trilhados. Isto implica uma dispersão das perspectivas, na perda da unidade (contida na geografia Tradicional). Esta crise é benéfica, pois introduz um pensamento crítico, frente ao passado dessa disciplina e seus horizontes futuros. Introduz a possibilidade do novo, de uma Geografia mais generosa.* (MORAES, 2005, p.103)

Pode, a quem lê, parecer esse texto prosa ou poesia, além de uma monografia. A escrita implicada<sup>2</sup> que baseia este trabalho permite certa liberdade. Também como o orientador que incentivou a produção em primeira pessoa para que fosse “do meu jeito”.

De todas as humanidades que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP forma/oferece, só a Geografia tem como requisito para obtenção do diploma a publicação de uma monografia ou, como diz a disciplina que acompanha sua elaboração, um “Trabalho de Graduação Individual”. É também essa, a geografia, a ciência que mais tenciona ser radical em práticas e na tentativa de garantir o acesso das camadas populares à universidade, aos títulos e benefícios que a vida acadêmica oferece. É na perspectiva de abertura das universidades públicas aos estudantes periféricos e na contrapartida das exigências acadêmicas que este trabalho caminha, apresentando pesquisas independentes que traduzem a teoria na realidade, no cotidiano e nas necessidades em que me via inserida - eu e minha comunidade -, demonstrando a importância dessas pesquisas tanto para minha formação no curso quanto para certa evolução pessoal e profissional, à medida em que compreendia meu local e podia também evoluir com ele. A proposta é também apresentar a geração de conhecimento em geografia de forma alternativa, que é feita pelos que não estão entre as referências no Lattes (com todo respeito aos que estão e às ideias que difundem).

---

<sup>2</sup>BAITZ, Ricardo. Implicação: um novo sedimento a se analisar na geografia



Propondo que o conhecimento livre seja validado, apresento as situações em que criei ou pesquisei a(s) geografia(s) de diversas formas, para entender qual é a minha e como atuo e me relaciono com ela.

As experiências, o momento atual e a necessidade de compartilhamento, inclusão e evolução coletiva motivam não só a escrita, mas os temas tratados nestas páginas, pois como diz ainda Marandola no prefácio do livro “Espaço e Lugar”, de Tuan, “o mundo faz sentido de acordo com nossos contemporâneos”. Por isso, a opção por referências também atuais, além das fontes clássicas que são a base de pensamento destas linhas.

Com o imenso apoio teórico (fundamental) e práticas direcionadas que a universidade oferece a respeito da ciência geográfica aliados às infinitas possibilidades que a realidade manifesta é que ocorre a formação. Assim como Tuan, em Espaço e Lugar, entendo que “experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN, 2000, p. 18). Para tanto, enfatizo a ideia passada por Girotto de que “Nosso foco de análise estará na formação docente em Geografia. Interessa-nos compreender os caminhos e processos que possibilitem a formação de professores **(profissionais)** de Geografia que, sendo leitores do mundo, provoquem seus alunos **(e comunidade)** também a lê-los. (GIROTTTO, p.232).

Quanto mais aprendo sobre geografia e posso explicar sobre minha/nossa realidade para essa comunidade imediata, mais reaprendo (com perguntas, debates, com a percepção do quanto não sabemos sobre nós e nosso território) e tenho então a possibilidade de atuar ou ao menos instruir, utilizando o conhecimento geográfico como instrumento de conscientização e transformação social.

Creio a geografia não ser mais apenas para a produção e reprodução acadêmica e escolar (como a história da disciplina revela, durante anos, uma infindável lista de “características a decorar”), mas já há algum tempo é utilizada por seu caráter de denúncia e empoderamento coletivo<sup>3</sup>, principalmente no cenário político atual, de

---

<sup>3</sup> Muitos são os movimentos que se levantam e se posicionam baseados no que a ciência (geográfica, humana, ciência em geral) apresenta. Movimentos de alimentação saudável, por exemplo, por conta de

reviravoltas (não são revoluções, mas reviravoltas - ora ideológicas, ora de políticas públicas, etc.) constantes.

Com a internet, o acesso de diversas camadas às universidades<sup>4</sup> e às temáticas sociais e militantes e, ademais, o momento político já mencionado, diversas vozes têm se levantado “à margem” da produção acadêmica tradicional. Nem sempre publicados em periódicos famosos, nem sempre com visibilidade na internet, mas há muita produção de conhecimento sendo feita e refeita fora da universidade, da academia, até mesmo da escola tradicional.

Em palestra recente, a professora Sandra Lencione disse que se pergunta sobre as coisas “ditas e não ditas” que foram deixadas de lado, em muitos trabalhos, pela não obrigatoriedade de publicação destes tempos atrás -diferente do que ocorre hoje, em que “qualquer” trabalho final deve ser publicado. Enfim, esta publicação trata de coisas ditas e não ditas, do que é visível e do que não.

Nessa perspectiva, prof. Tônico fala diversas vezes em seu livro Geografia, Pequena História Crítica sobre a abertura que a própria geografia crítica deu à perspectiva geográfica, aos estudos e possibilidades que a “contramão” metodológica poderia oferecer. Porém, mais de 20 anos depois da publicação deste livro, ainda no departamento de geografia da USP, de onde ele sai, é possível ver as amarras (tratadas como ‘resquícios’) de uma geografia tradicionalmente academicista, voltada para conceituação e pesquisas abstratas muitas vezes distantes da realidade dos atuais estudantes e, queiram estes, pesquisadores - tão academicista que afasta até os que estão dentro. Por vezes estes estudantes-futuros-pesquisadores esbarram em pré-conceitos (academicistas) sobre a validade de seus conhecimentos, a utilidade de suas pesquisas ou, grande maioria, a rentabilidade de seus estudos (nem sempre, mas muitas vezes, de forma econômica). Comentários depreciativos e que diminuem os

---

pesquisas e publicações sobre nutrição; movimentos por moradia digna, entendendo a especulação e planejamento urbanos, entre outros que anseiam a aplicação desses conhecimentos na prática para melhoria de vida.

<sup>4</sup>Com os programas de incentivo à educação superior como; SiSu, Prouni, FIES e a abertura do ENEM como vestibular para diversas instituições do país, é visível o crescimento (em quantidade e qualidade) de estudantes de graduação e ensino superior em geral.

iniciantes são comuns, mas não fazem sentido vindos de instituições de ensino (e que ensinam a ensinar!). Aqui, devo concordar novamente com Baitz sobre o ego que o conhecimento traz.

A formação universitária requer ser ampla, diversificada, ainda mais na geografia que é também tão abrangente. Porque, então, nossos trabalhos de conclusão (e a única oportunidade que temos de resgatar, entender e criticar esse processo) devem ser tão reduzidos e “recortados”? Onde está a crítica à geografia, onde está meu processo de formação, crítico, quando devo ignorar toda geografia que aprendi (que, novamente, é tão abrangente e diversa quanto a totalidade pode ser e por isso mesmo surge como uma denúncia) para focar em apenas um objeto, distante (quase impossível) da minha realidade? - porque mesmo que seja distante fisicamente, há um interesse que aproxima, de certo modo, o tema de pesquisa de quem pesquisa<sup>5</sup>.

Em acordo com diversos profissionais aqui citados, a geografia se faz na prática - ou no pé, como diria Ariovaldo - e, por isso, varia de acordo com a realidade de quem a faz. Não é uma ciência fechada. Apesar de todo rigor, seriedade e até aspereza que a academia impõe, a produção de conhecimento geográfico (mas não só) é uma constante em todo tempo por toda parte, cabendo aos profissionais em geografia analisá-la e reescrevê-la conforme necessário<sup>6</sup>. Acontece que, numa lógica de mercado, a produção está associada também com uma promoção individual, que, por sua vez, implica em disputas de poder (e ego). Além de toda a situação econômica e de prestígio que separa quem produz e recebe por isso (além de dinheiro, reconhecimento) e quem apenas retrata sua realidade ou, ainda, tenta modificá-la a partir de uma produção livre de conhecimento geográfico, existe uma escalada de títulos para que essa produção seja efetivamente considerada válida.

---

<sup>5</sup> BAITZ.

<sup>6</sup>Assim como o mapeamento de comunidades (ribeirinhas, quilombolas, tradicionais) traz à tona conhecimentos que estavam escondidos entre eles, como diversas vezes aponta a prof.<sup>a</sup> Sueli Furlan, assim também o mapeamento de “comunidades urbanas” e outros tipos de relações que se apresentem é benéfico para a compreensão do “todo”. Quanto mais aprendo sobre o outro, mais aprendo sobre mim mesmo.

Ontem eu liguei pro meu produtor  
E perguntei quanto ia sair  
Pra fazer um vídeo clipe foda  
Ele falou dez mil reais  
Eu falei fica na paz  
Vou gravar no celular e vai ficar da hora  
(...)  
Porque hoje em dia é tão importante  
Ter um patrocínio  
Que eles nem mais prestam atenção  
No teu raciocínio  
Assalto a Mao Letrada - MC Sid

Não caminhamos necessariamente pelas vias da revolução do método na/da geografia, mas (necessariamente!) pela valorização real da produção de conhecimento independente, pelo que poderíamos chamar uma geografia independente, alternativa à academia formal. Produção de conhecimento que é feita na necessidade e nela ainda se reproduz - passada adiante, ensinando e criando possibilidades.

Cabem aqui diversos outros estudos<sup>7</sup>, mais aprofundados, sobre os temas e conteúdo apresentados, há um leque de possibilidades. Mas a história é sobre a formação da autora e, assim, cita minimamente o que está envolvido no processo, não cabendo no momento um aprofundamento detalhado de nenhum dos temas para não perder demasiado o foco, que é a compreensão e formação (também de conteúdo) em geografia.

## Da autora

(Antonio) Sem dúvida, eu não poderia. **Seria impossível falar da minha experiência; devo falar da experiência da minha geração. A experiência de uma geração que vive,**

---

<sup>7</sup> Um tema que interessa deixar já destacado para posterior estudo é a construção de identidade da sociedade Parnaibana, que aqui chama atenção por ser parte da experiência vivenciada e descrita na pesquisa e minimamente revela o quanto a cidade tem sentido a necessidade de recriar sua identidade a partir dos sujeitos reais dessa terra e de sua resistência (não de figuras idealizadas e seus massacres, como até então ocorrera), valorizando então a cultura e história dos negros da terra, indígenas e escravos.

**atua e se forma num contexto determinado. E que se forma num contexto que se transforma rapidamente ao ser atingido pelas lutas populares, por toda uma intenção ou intencionalidade concreta do povo de transformar a sociedade e de criar uma nova sociedade.(...) E é nesse processo que nossa geração se educa, estimulada por diferentes movimentos internacionais (...) e todas essas experiências latino americanas que convidam a transformar a realidade. Então nós, estudantes de \_geografia\_ ou apenas iniciados em, não podíamos estabelecer uma separação entre as ideias e essa tentativa de transformação. (...) Assim, estudar (...) era uma forma de nos aproximarmos de certos conceitos, de uma capacidade crítica para compreender nossa realidade, e não um mero debater-se no ensino da \_geografia\_ dos sistemas ou dos sistemas da \_geografia\_. Eu diria que estudávamos \_geografia\_ para resolver problemas e não para aprender sistemas. (FREIRE E FAUNDEZ, 1985, p.15)**

Pensei este trabalho inicialmente como um resgate crítico da minha formação, mas ele foi se desenvolvendo (e graças ao tempo, as possibilidades, à orientação) de maneira que nem eu imaginava. No começo, dizia ao meu orientador que eu não tinha um método de pesquisa, agora, entendo o posicionamento e método que tinha e mal sabia.

Entramos na faculdade (que pra mim já foi uma grande conquista, consegui apenas na segunda tentativa e com o auxílio de um cursinho pré-vestibular) e aprendemos a(s) geografia(s) que nos eram ensinadas. Logo de início percebemos (e com o tempo fica mais evidente) que cada um se relaciona com a geografia através do seu ponto de vista - e por isso mesmo, um ponto único - citando Santos, “Cada indivíduo é apenas um modo da totalidade, uma maneira de ser; ele reproduz o Todo e só tem existência real em relação ao Todo” (SANTOS, 1996, p. 98). O que apresento neste trabalho é como ele me permitiu entender minhas próprias motivações e interesses num processo-momento de reflexão (como deve ser o TGI, uma reflexão sobre qual geografia queremos fazer).

O que a princípio era uma crítica mal direcionada sobre como a academia parecia inóspita, agora é uma proposta de valorização de quem está à margem dela (que continua sendo inóspita, mas também permite pontos de “fuga”). Valorização não apenas do ponto de vista - único - mas das propostas. Há espaço para todos agora? Para apresentar as construções que fiz e (quando mais terei essa oportunidade?) e mesmo não esquecer, desenvolvo este trabalho enquanto um “portfólio crítico”, que se

propõe a analisar a formação da geografia que vos escreve através de suas próprias experiências e críticas (a trabalhos) pessoais.

Por que nossas experiências são inferiorizadas quando se trata de produção de conhecimento, sendo que é exatamente através dessas experiências que adquirimos e apreendemos os conceitos? Por que criticamos tanto uma produção elitista e continuamos citando-a, incentivando, praticando? Não trago respostas nestas linhas, mas propostas.

Em suma, a inserção em movimentos de educação (principalmente popular) como Cursinhos Populares (Mística, FFLCH, Psico), o Clube de Ciências, Geografia e Matemática da Escola de Aplicação da USP, Estágios (como no Museu de Ciências Catavento Cultural) e Aulas livres permitiram a manifestação dos ideais da geografia anarquista, possibilitando maior contato com a educação popular, o acesso e o incentivo ao ensino “do povo”, além de “educar na prática”. Tuan já anuncia que “Os trabalhos de Piaget e seus colaboradores tem repetidamente mostrado que a inteligência sensório-motora precede, às vezes por vários anos, a apreensão conceitual.”

Também as pesquisas autônomas (muitas feitas no quintal de casa) sobre biogeografia, climatologia, geomorfologia, etc. e a prática de observação nessas áreas demonstra os princípios da ciência geográfica e de sua descoberta, das análises e pequenas percepções sobre o mundo e seu funcionamento, agregando e (a meu ver) explicando e realizando a geografia e muitos termos, conceitos e exemplos que já apareciam antes mesmo da faculdade. É nesse sentido que a geografia física mais se auto explica. Assim como as pesquisas e observações autônomas relacionadas à intitulada geografia humana e suas derivadas; urbana, metrópole, população, econômica e mais, serão brevemente descritas a fim de demonstrar como se conectam e formam a “minha” geografia.

Tiro a liberdade de “brincar” com os subtítulos do desenvolvimento e as disciplinas enfocadas enquanto abordo numa trajetória relativamente linear a evolução da formação em geografia e a maturação deste trabalho. Afinal, quando mais terei a

oportunidade de realizar um, o meu Trabalho de Graduação Individual - que pelo título já anuncia ser minha primeira publicação acadêmica oficial, escrita só, obrigatória nesse processo de me tornar acadêmica - para poder resgatar os altos e baixos dessa formação que se pretende científica e crítica (e por isso, empírica)? Garanto que mesmo que permaneça no meio acadêmico, nunca mais terei a liberdade que disponho hoje de 'vacilar' construindo meu próprio conhecimento (mais ainda na rede que cito aqui, a produção de conhecimento como uma mercadoria com prazos e avaliações [exigências] constantes). Aceitei um conselho que não era pra mim<sup>8</sup> e fiz da ciência uma aventura, afinal

(Paulo) Sem essa aventura, não é possível criar. Toda prática educativa que se funda no estandardizado, no preestabelecido, na rotina em que todas as coisas são pré-ditas, é burocratizante e por isso mesmo, antidemocrática.

(Antonio) Um exemplo é o desperdício da criatividade do operário na fábrica. O processo de trabalho é um processo criativo; mas, como a racionalidade do trabalho é pré-determinada e assim, também os passos a seguir, o operário está inserido num processo que não é educativo, lhe nega toda a possibilidade de criatividade. Quanto não ganharia o conhecimento humano, as ciências humanas e a própria sociedade se a criatividade do operário encontrasse um espaço livre para se manifestar. (FREIRE E FAUNDEZ, 1985, p. 52)

## Teorias e Métodos

Duas frases da professora Odette acordam as teorias e métodos utilizados neste trabalho, são elas “não há problema na fenomenologia, o problema é ficar só nela” e “a sensibilidade é a base de toda ciência”. Também concordo novamente com Baitz quando diz que as técnicas surgem em determinado momento no processo de pesquisa e esquecem-se desse surgimento, aparecendo agora como pré-requisito para a pesquisa.

Enfim, as conhecidas técnicas científicas se remetem à história do pensamento analítico, que em sua tentativa fugaz de desvendar o mundo, “esquartejou-o” para que houvesse partes a analisar. Caberiam muitas críticas a essa abordagem, mas sua contribuição é inconteste à medida que ela também sofreu um progresso e saiu do estágio primitivo da separação, adentrando a articulação, que foi inicialmente externa e posteriormente interna, chegando à dialética. Notado haver esse progresso, permanece a crítica ao método da cisão por alicerçar-se na separação entre o sujeito e o objeto, o que é bastante controverso nas Humanidades, onde se sabe não existir uma nítida linha demarcatória entre o território do primeiro e o do segundo (se é que tal linha, em quaisquer ciências, existiu algum dia). Embora contestada, a prática da

---

<sup>8</sup> BAITZ, numa nota de rodapé como essa, cita em seu artigo que foi convidado para uma banca de mestrado e o texto lhe parecia escrito por duas pessoas: uma mais próxima e íntima, e em seguida, uma pesquisadora fria e distante. Ele diz ao final “sugeri que fizesse da ciência uma aventura”. Eu aceitei esse conselho.

separação sujeito-objeto infelizmente enraizou-se profundamente no ocidente, sendo aplicada às massas indistintamente. (BAITZ, 2018, p.26).

Apesar dos diversos experimentos (sugeridos e também praticados) ao longo desta graduação, reforço que trago aqui experiências (o experimento está nas “Condições Normais de Temperatura e Pressão”, enquanto as experiências estão na realidade, sem controle das situações).

Em uma palestra sobre os 40 anos da geografia crítica no Brasil, ouvi do professor Manoel que “Os estudantes de geografia no Brasil/USP têm maior liberdade de produção do conhecimento, Apesar de não reconhecermos essas situações”. Na sequência de sua fala, ele diz também que “a geo-usp se destaca por causa de sua grande quantidade de cadeiras (não por uma excelência ou, como alguns ainda defendem, por seu “pioneirismo”)”. Essas colocações me fizeram repensar, aos últimos dias, algumas afirmações e críticas contidas neste trabalho.

Em contrapartida, por ter (e se achar) esse destaque, ignora o que não lhe é próprio. Há muito conhecimento sendo produzido que é deixado de lado pela geo-usp por que não vem daqui. A formação francesa e tradicional da geo-usp que tanto enche o peito de alguns também empobrece, atualmente, nosso diálogo. Não que devemos esquecer ou “desrespeitar” os mestres que aqui estiveram e que nos formaram inicialmente, mas como as próprias professoras (Amélia, Isabel, Odette) colocaram na já citada mesa sobre a geografia crítica, devemos aprender sobre essa base comum e progredir, superá-la, atualizando os conhecimento e não cavoucando sempre nos mesmos lugares.

Por exemplo, a proposta decolonial, de valorização “das partes” do todo, principalmente as que estão situadas mais à periferia, pretende convergir para coexistir com uma “elite” intelectual tradicionalmente europeia. Assim como diz a professora Valéria, o tema de pesquisa, muitas vezes, fica em segundo plano durante a pesquisa por conta das exigências técnicas. Neste trabalho, as exigências técnicas é que ficaram em segundo plano durante muito tempo para que a pesquisa pudesse, enfim, acontecer.



## Dos momentos

Na Teoria dos momentos, Lefebvre ressalta que momento é diferente de instante, o momento “implica uma certa duração, um certo valor, um arrependimento, talvez, a esperança de reviver o momento, ou de conservá-lo como lapso de tempo privilegiado, embalsamado na lembrança. Não seria esse um instante qualquer, nem um simples instante efêmero e passageiro. Nós concebemos o momento em função de uma história, aquela do indivíduo. Por outro lado, [a teoria] examina o momento em geral, e os momentos em particular, em suas relações com a vida cotidiana. Ela não pretende defini-los completamente, nem os esgotar. Outras ciências, outros métodos, poderão estudar esses momentos. A constelação de momentos.” Por isso, trato como momento as experiências aqui descritas. Pela alegria em preservá-las, antes na memória e agora em papel, compartilhando, e também pelo desejo de assim criar mais momentos - incentivando a reunião, a troca (também de informações), etc. Algumas podem não parecer tão importantes para se estudar numa publicação acadêmica específica, talvez. Mas é significativo para a comunidade, para a produção de conhecimento e formação de identidade sobre si própria.

Um dos objetivos deste trabalho é analisar e discutir, crítica e academicamente, o currículo do curso de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da Universidade de São Paulo (de 2012 a 2017) com base nas experiências pessoais da autora, que se norteia pela pedagogia libertária / da libertação e pela transformação que ocorre quando o educando, que está sempre a receber respostas, passa a fazer as perguntas e a relacionar sua cotidianidade com os conceitos apre(e)ndidos em sala e durante toda a graduação - quando o educando torna-se educador de seu próprio conhecimento. Nem sempre, portanto, as pesquisas são de minha iniciativa ou individuais; mas sempre revelam a geografia que faço e repasso.

A intenção é sempre pôr o foco nos sujeitos sociais em formação que se reconhecem e se mostram sujeitos em movimento, em ação coletiva: os pequenos

grupos que reaprendem seu valor, sua história e cultura através das ações desenvolvidas no caso da cultura, com a dramaturgia e as atividades em Parnaíba.

Na educação e emancipação, os cursinhos possibilitam aos alunos contato com realidades distintas (muitos destes cursinhos tem como proposta a formação pré universitária, que é justamente um preparo para o que a universidade oferta; movimentos sociais, libertários, movimentos de “renovação”, dentre outros), o que lhes amplia a capacidade crítica e a formação individual “no interior de uma sociedade que, por muitas vezes, traz os indivíduos para seu cotidiano como seres passivos, contemplativos do movimento da realidade, dotados de um saber geográfico descontextualizado, atrasado e obsoleto (JR, 2012, p. 25)

## **Iniciação à pesquisa**

A primeira disciplina que realmente exige a elaboração de um projeto de pesquisa é, como deveria, a Iniciação à Pesquisa. Através dela, tomamos contato com as exigências iniciais de um trabalho científico ou uma monografia, principalmente as regras técnicas. Foi neste aspecto que me distanciei a primeira vez da geografia, mesmo permanecendo nela. Relato, sem muitos detalhes sobre as situações, duas frases de professores da graduação que afetaram (de diferentes maneiras) a forma como me senti e como lidei com minha própria produção inicial na geografia.

"- Você não escreve de uma maneira muito... acadêmica, não é mesmo?"

" - Por que você não faz um TGI em primeira pessoa, então?"

As duas frases vieram de professores da graduação que, ao fim e ao cabo, são profissionais de educação e pesquisa (e que ensinam a fazê-la). Em uma, me vi acuada por não ser “suficientemente acadêmica” ainda na graduação, durante a elaboração dos primeiros projetos de pesquisa. Em outra, me vi com o mundo à frente, disponível para que eu o estudasse e relatasse *à minha maneira*.

A forma como esses dois professores lidaram com a minha produção inicial fez toda diferença; ao invés de pensar que eu não estou à altura da academia, penso

agora que talvez ela não esteja mais entendendo qual o biotipo<sup>9</sup> de pesquisadores e estudantes no Brasil. Além disso, o estudante que chega ao departamento de geografia não tem o departamento de geografia como único processo formativo.

Alguns professores já podem tirar destas algumas experiências. Primeiramente, que os estudantes de Geografia, mesmo iniciantes em boa parte, podem apresentar após uma dezena de dias de trabalho intensivo – este tempo não é, alias, suficiente – um conjunto coerente de informações em grande proporção **inéditas**. Elas contribuíram para a tomada de consciência por uma parte da população estudada (mas não somente os notáveis e os intelectuais) de um certo número de problemas que, até então, ela não se colocava, e cujas soluções determinarão seu futuro. Seguramente, só se trata de uma iniciação à pesquisa, mas é o começo de uma verdadeira pesquisa. (LACOSTE, 2006, p. 32)

Os temas, as transformações, as rápidas mudanças que relato em cada trecho são possibilidades de fazer e entender geografia que saltam aos olhos de qualquer observador(a) mais atento(a). Algumas merecem ainda certa atenção, continuidade, publicação talvez; enquanto outras tem por finalidade apenas a observação e análise de dados. Das que valem publicar, cabe ainda analisar o que é de interesse patrocinar, visto que atualmente pesquisa e investimento são um só pilar (as melhores pesquisas são aquelas que tem financiamento ou uma instituição mantenedora, mesmo que não disponibilize tantos recursos). Certos temas não pareciam atraentes para a academia, enquanto outros não saiam das salas de aulas. Enfim, todas as minhas formas de fazer geografia estão aqui reunidas, umas com apoio acadêmico, outras com apoio docente (experiências que os professores sugeriram, mas não necessariamente levariam a pesquisas maiores - essas eram apenas para aumentar a compreensão sobre os fenômenos físicos).

---

<sup>9</sup> (brincadeira com referência à expressão “estar à altura” que também evidencia que as pessoas que agora se dedicam a essas atividades são ainda mais diversas que nunca - são homens e mulheres, brancas e negras, altas e baixas, com ou sem deficiências, enfim, não há mais um “perfil de pesquisador”)

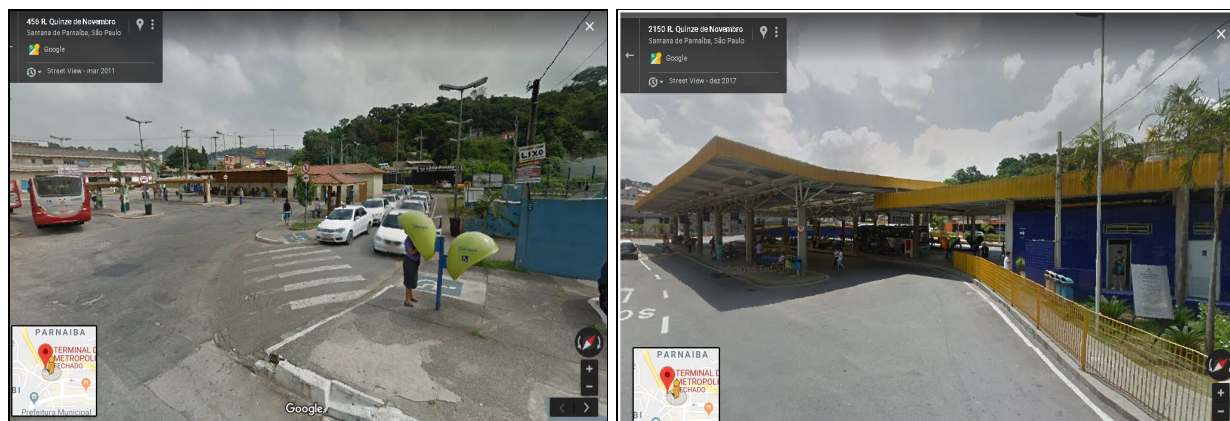
## **Observações a partir da Paisagem**

Há nesses relatos longos períodos de sentir. Em cada viagem, fosse ao interior ou descendo a serra, em trabalhos de campo ou passeios pessoais, notava e anotava cada sensação, percepção, cada entendimento a respeito do funcionamento do mundo e utilizando de poucos instrumentos; olhos, mente e corpo (considerando aqui os sentidos em conjunto). A orientação (e intensidade) dos ventos, o nascer e pôr do céu (sol, mas também das estrelas, e a movimentação destas). Frentes frias, nuvens à noite, noites quentes de verão e as brisas; marítimas, noturnas, suportáveis na primavera e agasalháveis no outono. A formação de chuvas, visível tão ao longe em horizontes planos e que na cidade chega tão de repente porque não temos visão. Chuvas nas serras, descidas e subidas. Chuvas no mar. Na cidade. Na planície. No interior. A compreensão do território de São Paulo e do Brasil, sua formação geomorfológica e histórica, acompanhando essas viagens, essas descidas e subidas, idas e vindas, o aprender e praticar.

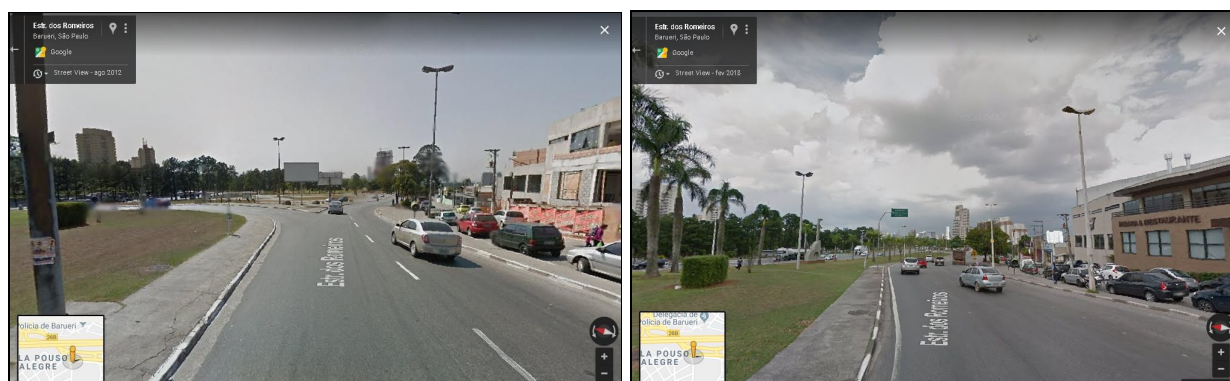
As experiências descritas neste bloco iniciam sempre com a observação da paisagem, desencadeando pesquisas ou servindo como base para elaboração de material didático próprio - voltado às redes sociais ou comunidade mais próxima, com fotos, vídeos e pequenos registros diários. As imagens utilizadas como comparativo neste trabalho são retiradas do Google Maps, já que os registros pessoais não mostram tanto e tão bem as mudanças ocorridas no período. Ocorre que, durante o movimento pendular diário que realizava para chegar até a USP, saindo de Santana de Parnaíba, passando por Barueri, Carapicuíba e Osasco até chegar em São Paulo, a observação da paisagem foi a primeira “característica de geógrafo” a se manifestar, “atentando que, para o geógrafo, dificilmente algo observado é só natural ou só social” como orientou o professor Bittar em um modelo de relatório de campo.

Por todo o trajeto, diversas obras, reestruturações, modernizações, entre outros, iam aparecendo e se sobrepondo à paisagem antiga. Pequenos comércios

transformando-se em grandes redes de distribuição, aumento das calçadas, passarelas, vias de acesso, estradas; tudo para tornar melhores e mais “modernos” os centros (de Parnaíba, 2015; Barueri, 2013-2014; Carapicuíba 2013 - dias atuais).



Imagens comparativas do Terminal Rodoviário de Santana de Parnaíba em 2011 (esquerda) e em 2017 (direita) após as reformas.



Imagens comparativas da Praça das Bandeiras, em Barueri, antes (2012, esquerda) e depois (2018, direita) das reformas que acompanham o projeto Nova Barueri.

A reforma dos terminais e pontos de ônibus em todas essas cidades revela um aumento no fluxo de veículos e uma preocupação das prefeituras com a mobilidade urbana, circulação e infraestrutura. Além disso, as reestruturações pela qual passaram algumas dessas cidades também faz parte de uma operação para inclusão de um Corredor Metropolitano de Ônibus na região<sup>10</sup>, que vai desde Itapevi até São Paulo. A

<sup>10</sup> A estrada que conecta as cidades de Jandira, Itapevi, Barueri, Carapicuíba, Osasco e São Paulo passa por uma alteração para inclusão de um corredor metropolitano de ônibus, utilizando uma faixa única (a da esquerda, diferente do que ocorre hoje) para o transporte coletivo e criando, portanto, “micro

primeira iniciativa voltada à mobilidade urbana foi uma faixa de ônibus, implantada em 2014, que já diminuiu significativamente o trânsito na região metropolitana, ao menos para os transportes coletivos que vão “por dentro” das cidades, atravessando Avenida dos Autonomistas (Osasco), Avenida Deputado Emílio Carlos (Carapicuíba), Estrada de Jandira, etc.

Dentre as transformações que podem ser observadas e aliás estão descritas no site do projeto<sup>11</sup>, estão;

- as já citadas reformas em terminais de ônibus, sejam municipais ou intermunicipais nas cidades envolvidas no projeto e também em cidades vizinhas, como Parnaíba
- as reformas nas vias (ruas, praças, avenidas, canteiros)
- a implantação de uma única linha de ônibus que conecta e “afunila” a quantidade de veículos a partir do km21 até o Terminal Butantã (substituindo ônibus que saiam das periferias das cidades<sup>12</sup> até o centro por uma linha única que faz integração a partir de Osasco - o que já diminuiu um pouco o trânsito no terminal Butantã).

Como já citado, a readequação do centro de Barueri para atender aos padrões urbanísticos de Alphaville - medida paisagística para “equiparar” os bairros mais populares e valorizados da cidade que, ao fim, trouxe melhorias de funcionamento para a população, como mais acesso e espaço para passeios, em carros ou a pé, foi uma das primeiras pesquisas que me vi realizando, despertando com a observação das

---

terminais” ao invés de pontos de ônibus isolados. Favorece a segurança evitando que os passageiros tenham que atravessar as ruas para pegar ônibus no sentido contrário ou fazer integrações, o que também ajuda a diminuir a violência e insegurança que os pontos isolados proporcionam, principalmente à noite.

<sup>11</sup><http://www.emtu.sp.gov.br/emtu/empreendimentos/empreendimentos/corredor-metropolitano-itapevi-sa-o-paulo.fss>

<sup>12</sup> Quando comecei os estudos na USP me surpreendi com um ônibus que passava beirando meu bairro e também na porta na universidade. Havia a princípio um ônibus do tipo “Viagem” que percorria o trajeto Pirapora-Barra Funda, a um custo maior e com menos disponibilidade de horário e carros na linha, isso em 2012-2013. Trocaram, então, por um intermunicipal Pirapora-Butantã, com valor inferior e mais horários e carros disponíveis, em 2014-2016 aproximadamente. Agora, com a integração (2017), os ônibus que já circulavam de Parnaíba ou Pirapora para Osasco recebem os usuários dessas antigas linhas que iam direto, para que, a partir do km21, em Osasco, peguem outro ônibus em direção ao “centro”.

transformações diárias como substituição de comércios, revalorização desses espaços, etc. Ainda nos arredores do centro há muitas casas à venda, o que demonstra uma rápida e atropelada gentrificação para revitalização, proporcionada em partes pela prefeitura, em partes pelo comércio de terceiro setor com micro e pequenos empreendimentos crescentes. Além disso, muitas reformas e revitalizações nos centros, em calçadas, terminais, bolsões, estacionamentos, etc. e a revalorização dos espaços adjacentes em algumas cidades da região Oeste (Parnaíba, Barueri e Carapicuíba com as reformas internas ou para o corredor metropolitano, que também colocou em obras alguns terminais de Osasco, como o do Km21 para a integração dos ônibus e mais recentemente o da Vila Yara).

A descrição de paisagens urbanas tais como as descobrimos percorrendo a cidade dá ideia das etapas de sua evolução, mas não explica seu papel, não mostra do que a cidade vive, não permite compreender seus problemas. Passemos do olhar do visitante à perspectiva vertical daquele que dispõe de mapas, fotografias aéreas e pesquisas sobre os hábitos de deslocamentos dos cidadãos. A cidade deixa de aparecer como um caleidoscópio. Tudo se torna claro (CLAVAL, 2004, p. 34).

Também em visitas ao interior, não apenas nos trabalhos de campo, mas principalmente quando frequentava a casa do meu avô, era possível entender a nítida diferença entre geografia urbana e agrária à medida em que, além da paisagem, a dinâmica cotidiana dos lugares era diferente. Aqui novamente os sentidos foram fundamentais, pois foi através da vivência desse cotidiano que pude entendê-lo. Em poucas horas era possível notar a quietude e calma que o bairro afastado do Morro Grande, na cidade de Araras, proporcionava. Além dos pássaros, um ou outro barulho na rua e a velocidade na rodovia ao fundo, pouco se ouvia. O ritmo do lugar era diferente, tudo se baseava no tempo da natureza e o relógio mais confirmava do que mandava. A igreja ainda é forte influenciadora do ritmo e da vida do bairro, já que vem daí as comemorações, datas festivas, missas e também é no espaço da igreja que se fazem aniversários, casamentos, entre outros eventos. Aliás, as reuniões são de dois tipos; festivas religiosas ou festivas recreativas (sejam bingos, que fornecem também certo retorno financeiro, sejam mutirões que ainda se realizam, de maneira própria ao

bairro, contribuindo em alguma colheita ou construção e obtendo retorno em produtos ou confraternização).

A maioria das recordações e anotações que iniciam estes temas são de 2013, 2014, aproximadamente. Nestes anos, muitas mudanças já ocorreram e o desenho do bairro já é outro, já apresenta moradores novos que chegam insistentemente, “muitas” casas de aluguel (contrárias às casas grandes e com terreno para plantio como eram). A presença destes sujeitos “estranhos” ao bairro e às tradições altera as características locais - mesmo que de maneira sutil.

Além de entender o quanto muda a percepção e vivência do tempo com a distância dos grandes centros, pude perceber muito como o agronegócio funciona perto de nós; grandes fazendas (pertencentes à grandes famílias da região que dominam a produção e comércio) de laranja, milho, etc., a depender da época. Os moradores colhiam, participavam, entravam, conheciam os donos, enfim, de certa forma faziam parte sem fazer. Na região há muitos lagos e rios, além de uma grande usina, então há muita gente nadando e pescando o tempo todo. Mas também, aviões de pesticida que passam de tempos em tempos. Meu avô contava em tom de brincadeira que já o “envenenaram” enquanto pescava. Foi com ele que realizei também uma pesquisa que muito me ensinou, para a disciplina de Migrações e Trabalho com o Professor Dieter. Pai da minha mãe, seu Edmundo (que aliás faleceu durante os últimos meses de elaboração deste trabalho) saiu da Bahia, foi para o Paraná, depois veio para São Paulo, inicialmente em Barueri e ainda mais em direção ao interior, parando em Araras. Passou por diversas profissões, ocupações temporárias e bicos para se manter. Através da história e relatos dele pude entender parte fundamental da história do nosso país; a migração. Assim como observo a íntima relação da família da minha avó paterna, Ida, com o Brasil; fugindo de uma guerra, em busca de emprego e melhores condições de vida. Essa minha avó, Ida, foi meu contato inicial com a agricultura, através dos cultivos que ela realizava no quintal de casa.

Em 2014, durante uma greve geral em que professores, alunos e funcionários haviam parado, acabei ficando os 4 meses em que ela durou num período sabático em



casa - pois na época estava estagiando na Comissão de Pesquisa da USP<sup>13</sup>. Observando diariamente onde o sol nascia e se punha e as pequenas alterações que ocorriam a cada novo sol, além das plantinhas que conseguiam nascer e se manter mesmo sem cuidados, manifestei interesse em pesquisar e aprender mais sobre a agricultura urbana e como cuidar do solo, iniciando então um contato maior com a pedologia - ao trabalhar com plantas e horta a necessidade de solo é tamanha que precisei (re)aprender sobre suas características químicas e físicas, retomando aulas de pedologia e química do solo, alterando-o na prática. Através dos primeiros plantios e da necessidade de recuperar minha terra, começaram as pesquisas mais aprofundadas sobre como entender e devolver minerais para o solo, como “produzir” terra a partir da compostagem, quais elementos eram mais ou menos necessários e como obtê-los, além de despertar o interesse pela agricultura “orgânica” urbana<sup>14</sup>.

Expandindo ainda mais os conhecimentos sobre agricultura, após alguns cursos e contatos<sup>15</sup> que fiz no CES (Centro de Educação para Sustentabilidade) de Alphaville, aprofundei-me no tema e nas pesquisas sobre agricultura urbana, orgânica e permacultura. A princípio, conhecia poucas plantas e menos ainda sabia sobre elas e como cultivar. Com o passar do tempo, aprendi a identificar algumas espécies de plantas e insetos, as características que lhes são mais marcantes e diferenciais, como cultivar, enfim, tive uma aproximação com a fauna e a flora do quintal de casa, como relatei ao professor Yuri em um trabalho de Biogeografia em 2016 - e a partir de então, parece que sempre refaço este trabalho mentalmente inserindo os novos integrantes.

---

<sup>13</sup> Aprendi no tempo em que estive na Comissão de Pesquisa sobre a rotina administrativa da universidade, pesquisas, bolsas, etc., mas principalmente aprendi quem são as pessoas que resolvem os problemas dos estudantes na universidade - ou as que tentam.

<sup>14</sup> Que em 2015 me levou a pesquisar, em um trabalho conjunto com a Maísa Barros e o Henrique Barros, para a disciplina de Cartografia Ambiental, os cultivos orgânicos de Ubatuba, conhecendo personalidades incríveis da região como a dona Naídes e o Grupo Agroecológico Caiçara - peças fundamentais na dinâmica de produção, venda e difusão de informações dos agricultores da região. Este trabalho de campo aumentou muitas vezes minha força e vontade de produzir. Mantenho vivas as orientações e também as plantas que recebi durante esta visita.

<sup>15</sup> O incentivo à autonomia, intrínseco às atividades do CES, despertou muitas ações interessantes, como o Coleção Natural, além de proporcionar contato com a Erva Rasteira Agroecologia, do agricultor Daniel Querino, além do Instituto de Sustentabilidade Integral, da Amanda dos Santos Sousa, dois a quem tenho muito a agradecer pelos ensinamentos.

Apreendi a pesquisar e estudar meu quintal e tudo que há nele através de métodos científicos, mas que também me permitem aproveitar as belezas que o cultivo oferece. Através dessas e outras experiências na horta, quando da visita de amigos, percebi que era um método e lugar ideal para práticas educacionais que incentivem a autonomia dos sujeitos; você toca, escolhe o que quer saber, cheira, mastiga, explica. Além de didático, é terapêutico<sup>16</sup>.

Também através da observação apaixonada de fortes chuvas e o escoamento superficial da região em que moro, com a ajuda das funções do Google, que permite a visualização aérea com dados de altimetria, como uma carta topográfica, onde consegui as altitudes de cada pico dos bairros vizinhos, compreendi o funcionamento da dinâmica hídrica e como as águas que desciam dos bairros do Engenho e dos dois morros Parque Santana formavam o córrego Lageado; nascendo de uma pequena cachoeira, correndo por baixo da praça do Perpétuo Socorro, diversas vezes reformada mas mantendo os encanamentos cobertos, ressurgindo e desembocando no rio Tietê. Entender a formação desse córrego que era, à época do começo deste trabalho um filete d'água entre os morros do Parque Santana me fez valorizar ainda mais meu bairro (num processo de reconexão que estava e de entender essas dinâmicas, esse foi um episódio muito importante). Através do uso destas imagens e da explicação dos fenômenos envolvidos, foi possível despertar alguns colegas para a preservação e cuidados com os córregos e riachos da região, além das matas ciliares. Foi uma das primeiras experiências em “produção de conhecimento” sobre a minha região<sup>17</sup>.

Anteriormente, havia conseguido identificar apenas as características do quintal de casa. Após o contato inicial com a “natureza” que havia em casa, passei a observar ainda mais as características e ciclos que formam nossos dias. A incidência de sol sob

---

<sup>16</sup> Começa então um interesse pela educação na prática, ou por uma prática educacional que interesse - é aqui que o “quintal de casa” se transforma no Quintal da Soucek, um projeto de divulgação de geografia e educação ambiental. O projeto em si é de 2017.

<sup>17</sup> À época desta pesquisa (2016), apresentei-a como um projeto para a disciplina de Material Didático e a submeti ao Simpósio de Educação Ambiental que envolve municípios da região Oeste (mas não consegui apresentar por falta de dinheiro para impressão do banner, uma exigência para apresentação).

a horta de acordo com a estação do ano, o sol se movimentando diariamente e acompanhando também essa dança cósmica com reflexos aqui, no quintal de casa.

Cada parte se torna o todo ao estudar geografia; para saber sobre o céu, preciso saber sobre as estrelas, o sol, a lua e todos os astros que lá estão. Assim, a lua se torna agora meu objeto de pesquisa; aprendo, anoto, ensino. Observo as características lunares e as influências cotidianas, como os calendários que se baseiam nas diferentes fases da lua para periodicizar e acompanhar o tempo. Nos episódios de observação celeste, o olho humano é grande instrumento também, mas cabe destacar os aplicativos de celular que identificam as estrelas, astros e constelações próximas.

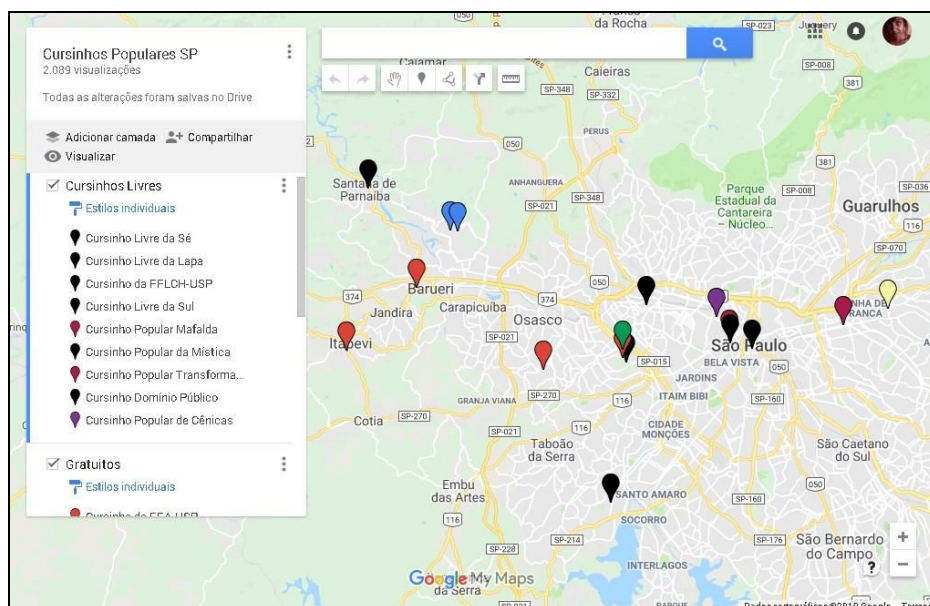
Um aspecto positivo que o uso de instrumentos simples apresenta é que forçam o observador a prestar mais atenção na dinâmica da natureza, favorecendo sua compreensão. (...) é possível perceber que o uso dos instrumentos mais simples exige mais habilidades do observador e aproximam-no da maneira que os fenômenos funcionam, enquanto que os mais sofisticados oferecem resultados imediatos, mas não desvendam o funcionamento dos fenômenos. (VENTURI, 2006, p.73)

Não estranhe, quem lê, a falta de mapas neste trabalho. Aliás, poucas vezes produzimos mapas; há quem (ou o quê) produza por nós. Mas não significa que não elaboramos mapas, aqui e ali, para amigos e familiares acharem nosso evento, para chegarmos com mais facilidade ao destino, para fantasiar ou explicar algo. Produzimos, sim, o tempo todo; mas não publicamos. Não ousamos brincar com coisa séria. Assim, continuamos perdendo potencial. Não que todos vamos ser grandes cartógrafos (nem que saibamos desenhar), mas potencial de elaboração, de criatividade, de temas. De fazer e registrar geografia.

Em casos como o projeto “Águas do Parque Santana”, houve apenas o registro e mapeamento através do google, o que facilitou também a obtenção de dados sobre altitude, coordenadas, etc., uma vez que já estão todos atualizados e disponíveis nas plataformas online.

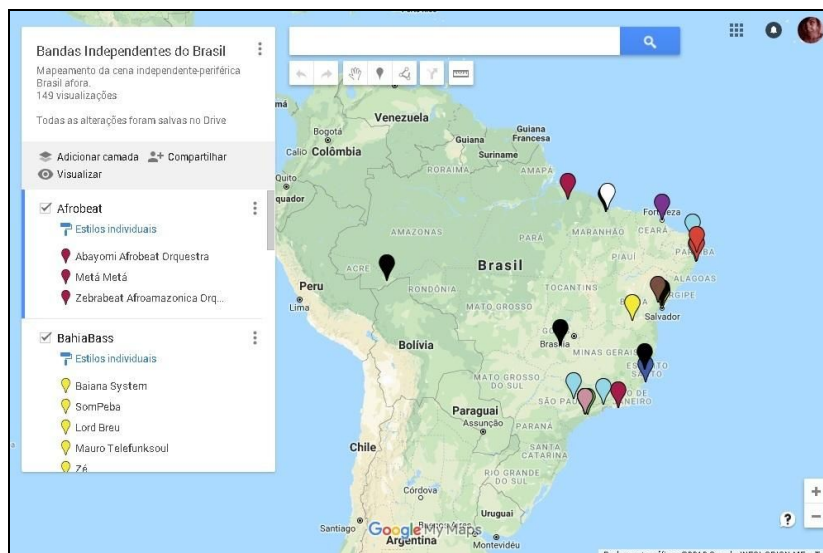
Já nos projetos de mapeamento dos cursinhos populares ou mesmo no mapa musical, a finalidade era apenas georreferenciar os cursinhos\bandas, sendo dispensáveis à primeira mão estes dados mais aprofundados, mas ainda assim foram

extremamente úteis as ferramentas online do google que permitiram facilmente posicionar os itens e inserir informações a respeito deles, diferenciando-os em categorias e subcategorias.



Mapa dos cursinhos populares na Grande São Paulo de acordo com as características da instituição; pública, livre, particular, etc. Elaborado no Google My Maps.

Dentre as ideias de projeto para Iniciação à Pesquisa, uma ainda ganhou certa vida; elaborar um mapa do cenário musical brasileiro atual (com destaque principalmente para a música independente). O ganho cultural que tive com as pesquisas e bandas que encontrei, que iam de Afoxé à Ritmos Latinos Afro permitiram compreender ainda mais a formação de uma parte do país que (ainda!) não conheço: o Norte e Nordeste. A formação de identidade, os sotaques, os ritmos principalmente e a faixa etária a qual pertencem mostram a potencialidade dessa mistura, da “brasilidade” e das potências musicais disponíveis. Assim como em São Paulo e no Rio há grande destaque para o RAP (Rythym and Poetry) que cresce de maneira independente, cada estado tem suas características musicais mais marcantes e seus atores.



Bandas independentes do Brasil de acordo com o estilo musical. Elaborado no Google My Maps.

Em contrapartida às pesquisas individuais sobre os aspectos físicos, a luz sobre os aspectos humanos da região veio através do teatro, cantos e contos da Dramaturgia Rural. Foi também essa instituição que iniciou, em parceria com diversas outras pessoas, o Cursinho Popular da Mística. Pelo teatro, aprendi como se formaram os principais “blocos culturais” da cidade - tanto o carnaval, quanto a religião. Um morador da cidade, que também é dramaturgo<sup>18</sup> e perambulou pelos corredores da história para “abrir a cabeça” de seus conterrâneos sobre sua própria formação e identidade, relata através de peças e contos como foi a aproximação dos portugueses com os indígenas e negros no Brasil, mas de forma... vivida. Com histórias que vieram de famílias da região, com contos e “mitos” próprios de Parnaíba, que mesclam as religiões afro com o cristianismo crescente.

Além da (re)descoberta de que Parnaíba foi um polo econômico quando do início das atividades em São Paulo, ora complementando a produção, ora concorrendo com ela<sup>19</sup>, entender que a mineração realizada na “Capitania de São Vicente” vinha

<sup>18</sup> Weber Carvalho é morador de Parnaíba desde a infância e conta que se apaixonou pela história da cidade, se arriscando até a estudar história além do teatro. Atualmente Weber está na UNESP de Ourinhos fazendo geografia e com a peça atual “Dramaturgia Cuenta Milton Santos”.

<sup>19</sup> No artigo “Santana de Parnaíba, Cidade e Memória”, Magnani falando sobre a identidade do povo parnaibano faz um comparativo entre as cidades (e pólos, à época) de Parnaíba e São Paulo, destacando características econômicas e “de ambiente” que as diferenciavam e classificavam.

muito do Morro do Voturuna (morro negro em tupi), situado entre Parnaíba e Pirapora. Deste momento econômico de Parnaíba decorre grande parte de sua história (com as críticas relacionadas) e características; o carnaval, as casas, muitos contos e histórias como a Mãe D'ouro<sup>20</sup>, que foi o que conectou o teatro, a economia e a cultura da cidade com a educação no Cursinho da Mística. O empoderamento oferecido com a educação, história e demais atividades realizadas no local permitiu que grande parte do corpo docente e discente (professores, colaboradores, alunos) passassem no vestibular, levando o cursinho ao fim temporariamente.



Dramaturgia Rural, 2016.



Apresentação da Dramaturgia na FFLCH-USP, 2016.

<sup>20</sup>A história diz que quando os portugueses chegaram para cobrar o ouro explorado na região, os jesuítas o esconderam no morro junto com alguns escravos, para que estes não dissessem nada. Desconfiando, os portugueses mataram os jesuítas, então os escravos morreram no morro e a alma deles ficou presa ao ouro. É possível libertá-los, recebendo em troca uma pepita de ouro, mas apenas quando o morro apresenta essa possibilidade através de uma marca de luz, redonda e dourada, que guiará a pessoa escolhida até a entrada para enfim libertá-los.



## **Atividades teórico práticas de aprofundamento<sup>21</sup> ou Prática Enquanto Componente Curricular**

As experiências descritas aqui são principalmente voltadas aos aprofundamentos, atividades extra, estágios, entre outros. Neste bloco são principalmente as experiências em educação e como culminaram em um projeto de difusão de produção independente, o Coleção Natural - que se inicia com as provocações a respeito da autonomia dos indivíduos, produção independente e circulação de mercadorias na região oeste.

A licenciatura e principalmente as disciplinas de educação que fiz na geografia despertaram o interesse pela prática educacional, somados às experiências de educação “livre” que tive no quintal, além dos incríveis episódios educacionais no estágio do Catavento<sup>22</sup> que proporcionaram mais confiança e vontade de dar aulas, fosse em instituições formais ou informais.

Ao mesmo tempo, os cursinhos populares vinham crescendo em número e necessidade na região, expandindo as buscas por educadores, o que me fez ao final de 2015 ingressar no Cursinho Popular da Psico-USP, permanecer em 2016 e iniciar, também neste ano o Cursinho da Mística (Santana de Parnaíba), além de participar do início das atividades do Cursinho da FFLCH (USP) e de uma única aula (muito significativa por seu formato) no Cursinho Livre da Sul, em Santo Amaro - onde não pude permanecer pela distância e dificuldade de acesso, da minha parte, além dos gastos que não conseguia custear à época.

---

<sup>21</sup> As atividades teórico-práticas de aprofundamento seriam as “horas complementares” dedicadas a atividades culturais e extra acadêmicas. Já a Prática enquanto Componente Curricular seria uma exigência “diária” do currículo, parte regular no curso (no sentido de obrigatória como atividade a ser desenvolvida e com certo acompanhamento). Ademais, aqui caberiam relatos sobre diversas e fantásticas visitas a museus, exposições, parques, eventos, cada pequeno aprendizado sobre o funcionamento da cidade (que é onde concentram-se essas atividades) e da metrópole, uma vez que a cidade a que mais me refiro é São Paulo capital.

<sup>22</sup> Ter de adaptar o conteúdo a qualquer público alvo que aparecesse era um grande desafio no Museu Catavento, mas o material didático disponível compensava e até instigava para qualquer explicação. Foi onde percebi a necessidade e os benefícios de usar diversos sentidos para aprender.

Também durante 2016, ainda na universidade, tive acesso ao Clube de Matemática, Ciências e Geografia da Escola de Aplicação/USP. Lá, o interessante foi a integração de disciplinas (atuar com profissionais de pedagogia, matemática, biologia, dentre outros cursos), adequação de conteúdo para público alvo (educação infantil, 3ª ano do ensino fundamental), além da dinâmica de aulas ser voltada para uma apreensão menos rígida de conteúdo.

As experiências em todos os espaços tinham em comum o acolhimento às diferenças, expressões, criatividade, sentimentos, amores, às formas de educar e aprender, enfim, o acolhimento e incentivo à diversidade. Em todos, além da formação dos alunos, se propunha a formação dos professores; dávamos aulas em conjunto (duplas ou trio), com matérias diferentes, participávamos ou inseríamos atividades culturais durante as aulas, uma infinidade de possibilidades de acordo com cada professor(a).

Durante o período em que passei nos cursinhos (aproximadamente 1 ano no da Psico e da Mística e 6 meses no da FFLCH) pude colocar em prática as “disciplinas” da licenciatura; didática, política e organização da educação básica no Brasil (deveríamos ministrar os conteúdos de acordo com a programação dos ensinos fundamental e médio, então ao elaborar o conteúdo programático analisávamos os currículos do ensino básico novamente, e adaptando da melhor forma para cada aluno ou turma de acordo com as necessidades e perfil, além do enriquecimento que uma aula em conjunto proporciona, uma vez que cada profissional, mesmo não intencionalmente, se aproxima mais de determinado conteúdo e conseqüentemente acaba tendo mais facilidade para falar sobre ele; quando estávamos em grupos como o que participei na Psico, com um professor que é também militante, envolvido em movimentos sociais (Danilo Mandioca) e outra colega professora que à época estava na pesquisa de mestrado sobre os seringueiros na Amazônia (Pietra), portanto, envolvida com uma geografia mais agrária). Completando o trio, eu estava envolvida com a observação e pesquisas independentes sobre o funcionamento físico das coisas, a tal geografia



física. A troca de experiências e informações que tínhamos era incrível e visível até para alunos; por vezes fomos alunos uns dos outros.

A elaboração de aulas era, portanto, um aprendizado contínuo (como deve ser). Assim também as aulas de campo ou aulas práticas, como a de Astronomia que ministrei também como atividade de estágio de uma disciplina (Psicologia da Educação), em que antes perguntamos quais eram os temas de interesse, fizemos uma parceria (não tão firme) com a matemática e ao fim, realizamos uma aula com material didático lúdico e próprio, elaborado em conjunto com os alunos. O material didático muitas vezes eram minerais e rochas coletados ao redor dos cursinhos ou nas saídas de campo, além de colares e “bijouterias” - assim foi possível elaborar uma interessante coleção para uso em aulas práticas. No Cursinho da Mística, tivemos a oportunidade de dar aulas na Horta que elaboramos com alunos e colaboradores - de onde vinha parte do almoço, também colaborativo - além de uma experiência de campo na cachoeira da Lua, no Morro do Voturuna, com professores de diversas áreas em conjunto, como a Física, Geografia e Artes. No espaço também fazíamos luau, sarau, entre outras atividades e eventos como os do Coleção Natural, para divulgar as ações do cursinho e trazer mais atividades e pessoas. As fotos a seguir ilustram algumas das situações citadas, principalmente as Aulas de Campo.



Aulas do Cursinho da Mística. À esquerda, no espaço interno e à direita, no espaço externo.



Aulas realizadas em diferentes ambientes com o Cursinho da Mística, como por exemplo na Cachoeira da Lua, no Morro do Voturuna. 2016



Colaboradores e alunos do Cursinho da Mística em reunião e durante a preparação do almoço, 2016.

Assim também ocorreu nas experiências com o cursinho da FFLCH-USP, que aliás, foi ainda mais enriquecedor pois também iniciava ali, então todos que se envolviam de início tinham que também decidir como seria o futuro e o funcionamento daquele movimento que se iniciava. Além da proposta educacional, havia o interesse em ajudar financeiramente (como possível) para que os alunos conseguissem frequentar o cursinho e entender a necessidade de acesso à universidade, principalmente para a população mais “carente”. As reuniões eram antes para formação coletiva do que para a formação do coletivo em si; púnhamos em prática as muitas atividades educacionais, críticas e militâncias que aprendemos na faculdade. De certa forma, o envolvimento das administradoras (em grande maioria, meninas tomaram a atitude de reunir, pedir espaço, doações, professores, etc., de formar toda a base do cursinho) se refletia até nas relações mais simples e havia muito respeito pela iniciativa e pelas pessoas que possibilitaram aquilo. Era como se fizéssemos um estágio não obrigatório e não supervisionado. Uma tentativa do futuro.

A mais marcante aula prática do cursinho da FFLCH (que lecionei) foi também uma aula multidisciplinar; com a matemática e a biologia. Fomos à praça do relógio para sentar no chão e falar sobre ângulos e o pôr do sol, épocas do ano e flora, etc. As experiências em cursinhos foram as primeiras possibilidades de colocar em prática o que aprendia não só na geografia, para ser ensinado, mas também na licenciatura, sobre como ensinar. Se não fosse a liberdade e o carinho que acompanharam essas experiências, talvez o resultado fosse outro e ao invés de me apaixonar e aproximar mais desse produzir geografia, tivesse me virado contra a educação por não acreditar mais nela. Bem que tive bons professores e colegas de atuação em todas as oportunidades e fizeram despertar ainda mais a educadora em mim.

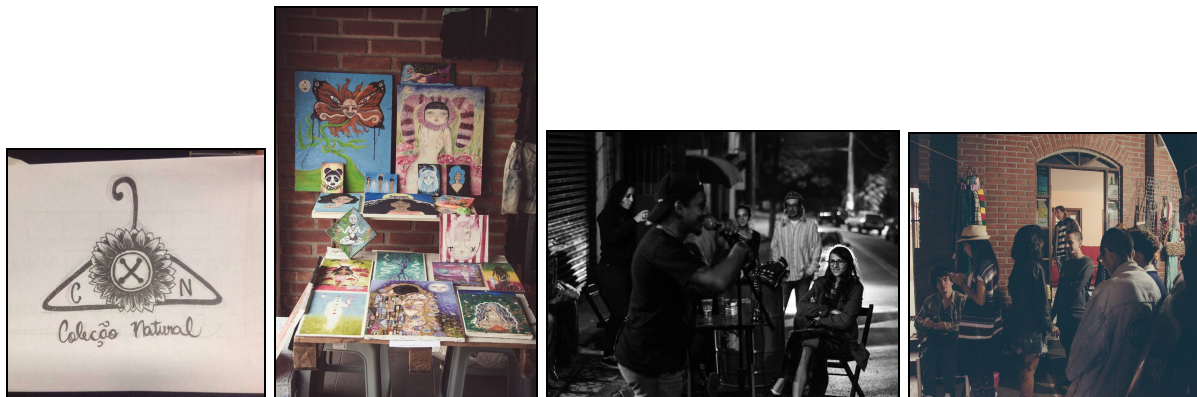
A elaboração de material (tanto didático, de uso diário nos cursinhos) quanto o material específico para cada aula, debate, etc. era também um importante momento de prática educacional. Aqui pensamos não só no conteúdo, mas na forma como ele deve ser passado e considerando alunos tecnológicos, nossas melhores opções eram acompanhá-los. Com o auxílio de diversos recursos audiovisuais como filmes, músicas,

curtas, também quadrinhos, histórias e até mesmo movimentos sociais e culturais, podíamos incrementar e enriquecer muito as aulas e os conteúdos.

Com todo incentivo à autonomia dos indivíduos que tinha acesso tanto nas atividades educacionais quanto nas atividades de pesquisa, com o apoio de diversos colegas e contatos que fiz ao longo da trajetória como graduanda e também em cursos fora da universidade, e tanto conteúdo a compartilhar, além de dificuldades econômicas enfrentadas no momento de conclusão do curso, a ideia de um espaço de comercialização e venda de produção independente, além de revenda de outros produtos (um brechó), surge a ideia do Coleção Natural, um evento itinerante que iniciou na minha casa, com mais duas amigas expondo e vendendo suas coisas, expandindo e transformando esse evento em um espaço físico que durou mais de um ano. O brechó do coleção começou comigo e mais 2 amigas do bairro, que além de roupas, livros e outros itens pequenos que não eram mais úteis, começaram a expor e incentivar também arte própria, começando com os trabalhos da Zalui, com as incríveis peças da Laifisgudi (marca de camisetas e roupas para começar a produtora de vídeos do Danilo), apresentação de bandas como Albergue, entre outras apresentações de teatro, dança, cultura em geral, reunindo diversos trabalhos autorais, peças e itens em boas condições que não eram mais utilizados. Diversas pessoas começaram a produzir algo para levar ou passaram a incentivar ainda mais quem faz com as próprias mãos. Foi um momento de grande crescimento entre nossa comunidade de amigos (e um crescimento ainda maior dessa própria comunidade, em tamanho - muitas pessoas de cidades vizinhas também se achegaram ao projeto, chegou a ser publicado - redigido por uma colega nossa(!) na Folha de São Paulo<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Narayhana Pereira é jornalista e professora de inglês, fundadora da Narayhana's English School, que usa métodos alternativos para ensinar inglês - séries, filmes, vídeo games, música, etc.



Imagens de alguns eventos e obras, além do logo do Coleção Natural, elaborado pela artista Zalui. Fotos também da Zalui.

Como uma das últimas atividades que iniciei, e também como uma das últimas que relato, percebo que é realmente minha ação, minha alternativa, na prática, para incentivar e divulgar a produção independente - em qualquer grau que seja. Assim como os saraus, o coleção pretendia levar arte, música, poesia, cultura, desenho, mas também produtos e artigos novos e usados, feitos à mão ou para reaproveitamento, enfim, uma infinidade de trocas. A troca de conhecimentos, as conversas sobre os processos de produção ou a “administração” das coisas, como já citado, nos enriqueceu (não necessariamente monetariamente, mas em qualidade de vida e relações).

Após uma pausa (necessária para nos recompor de uma despedida inesperada), as artes e artesãs, artesãos, produtores em geral do coleção retomam suas atividades no começo de 2019, assim como a Dramaturgia Rural (em Ourinhos) e o Samba do Pé Vermeio, que inaugura um novo espaço no centro de Parnaíba em 2018 após ficarmos órfãos (tanto da Dramaturgia, em pausa, quanto da Sufrutus, que havia também feito uma pausa por motivos técnicos).

O Coleção Natural apareceu como alternativa socioeconômica de exposição, troca e venda de produtos artesanais, independentes e para reaproveitamento quando percebíamos que não conseguíamos acompanhar a “rotina” de São Paulo e menos ainda ir para a “cidade” ver o que estava sendo produzido, aliás, porque precisávamos

que alguém nos dissesse qual era a “arte do momento” se nós podíamos fazê-las? Imprimir nossas características a um modelo que já circulava (e funcionava). A revolução de CRIAR e vender em um espaço não tão comercial, mas promocional - no sentido de difundir, promover essas ideias e tramos alternativos. As compras, necessidades, serviços e até mesmo a cultura (mais divulgada e difundida, mais ‘global’) ocorre da cidade (em grande quantidade) para o interior (em menor quantidade). Mas não precisamos ir para a cidade consumir cultura, podemos consumir o que já produzimos aqui mesmo. Uma sociedade alternativa, como diria o Danilo da Laifisgudi<sup>24</sup>.

Não tem progresso sem acesso  
Pense no gueto e é isso que eu te peço  
A quebrada produz, e é de qualidade  
Em agradecimento faz a arte da realidade  
Marina Peralta - Só agradece

---

<sup>24</sup> Danilo nos deixou em janeiro de 2017, foi vítima de febre amarela durante uma viagem a MG, após o desastre de Mariana ter desequilibrado a fauna local, levando ao aumento de transmissores. O lema “Laifisgudi” (Life is good, A vida é boa) surgiu para uma produtora de vídeos independentes de skate (que na verdade começou com roupas alternativas feitas por ele próprio) e se tornou sua máxima, aliás, seu legado atualmente.



## Considerações Finais

Não pretendo ser simplista nem ‘diferente’ demais (isso nem é possível, uso de toda a sorte de referências que dispus e isso inclui até as tradicionais). O que coloco é a possibilidade de construir conhecimento a partir de diversas realidades com as pessoas que pertencem a esse local/comunidade em nível de igualdade; não como especialista que estuda um caso, mas como intelectuais que, juntos, convergem para a construção de uma nova/pequena unidade de conhecimento.

Proponho no contato diário com distintas realidades. No que a universidade e o deslocamento zona oeste-centro proporcionou. Nas pequenas observações, nas plantas que cultivei, que vi (observei), nas diferentes cidades, pessoas, construções, ambientes, climas, sensações. O que aprendi nos estágios (obrigatórios ou não), nas salas de aula e corredores, com professores, colegas, funcionários, alunos. Cada ambiente é um. Cada lugar é específico. Cada ponto de vista é único.

Na verdade, o estudo dos movimentos sociais do campo, e também dos movimentos indígenas, só é eficaz quando se transforma, por meio deles, num estudo sobre a nossa própria sociedade e sobre nós mesmos. “Nós” que abrange a diversidade constituída por “eles”. Não era esse um artifício preconizado pela sociologia clássica e também pela antropologia, o de que o nós fosse objetivamente visto com os olhos dos outros? Pois os outros estão entre nós! (MARTINS, p. 121)

Tudo se relaciona com a crítica às “imposições externas” - o pensamento decolonial, assim como diversos autores aqui citados que valorizam a experiência individual e as comunidades tradicionais como forma de saber também, dá voz aos que até então não eram ouvidos - e não necessariamente aos grandes pensadores. Dadas as teorias iniciais deles, a compreensão e a evolução das situações e relações, pequenas e imediatas vozes tem se levantado. Os meios de comunicação em massa e as redes sociais permitem a manifestação de ideias individuais (assim como cresce o individualismo e egoísmo, sabemos, mas também a contrapartida do olhar global).

Portanto, a construção do espaço (e) do conhecimento pode ser e cada vez mais tem sido uma resposta à produção (inacessível e inatingível) tradicional acadêmica. Tem sido uma voz contra, mesmo sem necessariamente ter muitos ouvintes.

As exigências acadêmicas são compreensíveis mas não devem (ou não deveriam) limitar e mesmo impedir a formação individual e o crescimento dos indivíduos que recentemente tiveram acesso à universidade ou simples contato através de outras formas de relação mediada (internet, parentesco, introdução escolar às universidades<sup>25</sup>). A realidade descrita em letras, poemas, melodias, em textos, em posts, em imagens na internet e diversas outras formas de manifestação ideológica, política e pessoal que aparecem e são criadas e criticadas o tempo todo evidenciam o potencial criativo das comunidades e do desperdício desse potencial quando se anula a (nossa!) criatividade em prol da repetição de um movimento (no caso mais citado, o do operário na fábrica, no caso aqui descrito, o do operário acadêmico - que apenas reproduz sem questionar ou descobrir o que lhe pertence nessa produção), concordando com Freire e Faundez numa sensível conversa a respeito da educação que se faz com o próprio educando no livro “Por uma Pedagogia da Pergunta”;

“(Paulo) Sem essa aventura, não é possível criar. Toda prática educativa que se funda no estandardizado, no preestabelecido, na rotina em que todas as coisas são pré-ditas, é burocratizante e por isso mesmo, antidemocrática.

(Antonio) Um exemplo é o desperdício da criatividade do operário na fábrica. O processo de trabalho é um processo criativo; mas, como a racionalidade do trabalho é pré-determinada e assim, também os passos a seguir, o operário está inserido num processo que não é educativo, lhe nega toda a possibilidade de criatividade.

Quanto não ganharia o conhecimento humano, as ciências humanas e a própria sociedade se a criatividade do operário encontrasse um espaço livre para se manifestar. (52)”

### E também concordando com

Para a maioria dos estudantes, a experiência da pesquisa se limita a isto; a este exercício suplementar de reprodução de conhecimentos já elaborados sem que tenham tomado

---

<sup>25</sup> Os programas de divulgação das universidades públicas, apesar de não tão efetivos na prática, despertam a curiosidade e o interesse inicial. Cito entre eles o “Embaixadores da USP”, assim como as Feiras de Profissões (não só da USP, da qual felizmente também pude participar) que além de falar mais sobre o fato de algumas universidades serem públicas (o que muita gente ainda não sabe!), explicam os cursos, as bolsas, o acesso, etc. Com a ajuda de uma massa de professores recém-formados ou que ainda mantém esse espírito de introduzir as universidades e as vivências, muitos alunos de colegial já tem noções sobre movimentos sociais que apareciam apenas na faculdade.



consciência das possibilidades que teriam de produzir, por si mesmos, elementos de um saber novo. (LACOSTE, 2006, p.86)

A ênfase dada à produção independente deriva da necessidade de valorização desses outros sujeitos e suas pedagogias que agora acessam as universidades e fazem necessárias cada vez mais reestruturações pedagógicas (disso a pedagogia e as licenciaturas tem se ocupado bastante, por isso a ênfase na reestruturação da reprodução do conhecimento mesmo, geográfico ou científico, como queira). Seu conhecimento da realidade local, somado às diversas teorias e possibilidades de atuação que a ciência (geográfica) pode oferecer tendem a melhorar significativamente sua comunidade se lhe for permitido (dissecar, teorizar, aplicar lá suas técnicas e fazer as necessárias observações). A produção e a qualidade podem variar necessariamente de acordo com o preparo e os “equipamentos” disponíveis (o apoio e assimilação por parte de outros “intelectuais” - que sejam estes graduandos/recém-graduados, mas que validem e impulsionem a produção independente - assim como tem crescido o incentivo a pequenos produtores locais, econômica e artesanalmente, também vejo necessário o crescimento da produção intelectual independente). À medida em que tomam(os) ciência (literalmente, as vezes dados científicos) da política, produção do espaço, acesso a diversos bens e serviços e mais informações que moldam nossa vida e que podem ser minimamente diferentes com nossa participação (ou, novamente, nossa ciência(!) a respeito) toda e qualquer informação ou ação que possa influenciar é de nosso interesse, diz respeito a nós. Isso permite aos estudantes e à comunidade “descobrir eles mesmos seus momentos de resistência, suas expressões de resistência, suas bases para construir uma ideologia, e descobrir que é ele mesmo que tem de construí-la, num processo do qual, sem dúvida, nós participamos(...)” (FREIRE E FAUNDEZ, 1985, p.39) Participamos enquanto intelectuais que não devem permanecer isolados, pois “À leitura crítica da realidade, tem de juntar a sensibilidade do real e, para ganhar esta sensibilidade ou desenvolvê-la, precisa de comunhão com as massas” (39).

Não pelo ego, mas pela enorme contribuição que cada experiência, expectativa e estrutura de vida, particularmente, pode oferecer num coletivo acadêmico, no todo e em toda produção científica e geográfica. As referências e assimilação da realidade, do tempo e acontecimentos acumulados após os “grandes pensadores” elaborarem suas teorias bases. Não almejo que façamos grandes elaborações a respeito do funcionamento do mundo, mas que possamos explicar com as nossas teorias e observações ao menos a história do nosso local ou do que nos propomos a estudar com afinco. Almejo que possamos ser “intelectuais de quebrada”, que exercem influência não necessariamente sobre uma nação, mas sobre um bairro que se reconstrói e se identifica, as vezes se constrói pela primeira vez nesse processo de saber e reconhecer suas origens<sup>26</sup>. Assim sobra espaço e oportunidade para que todas e diferentes vozes se manifestem e influenciem também. Para que muitos e diversos intelectuais se levantem. Já que a cidade e o espaço urbano/geográfico são produzidos coletivamente<sup>27</sup>, que possamos empoderar quem os produz e garantir que entendam seu local e história. Que não detenhamos o saber a ponto de torna-lo exclusivo de graduados (posto que estudantes não são considerados aptos, “ainda”).

As experiências, preferências, histórias, a individualidade de cada estudante neste departamento (e em tantos outros de tantas faculdades e universidades; e aqueles que sequer aqui estão [ainda!]) podem produzir e já produzem conhecimento e obras tão fascinantes e autênticas, que reproduzem com tamanha veracidade mas também poesia o vivido que me vejo mais uma vez pensando no discurso de Freire e Faundez “Quanto ganhariam as ciências humanas e a própria sociedade se a criatividade do operário não encontrasse um espaço livre para se manifestar” “Numa sociedade desencantada, o reencantamento da universidade pode ser uma das vias de simbolizar o futuro (...). Tal papel é uma microutopia. Sem ela, em curto prazo, a universidade só terá curto prazo” (SANTOS, 1995, p. 12)

---

<sup>26</sup> Caso do Parque Santana, bairro onde moro, que não sabia a história do bairro até a criação do CEU das Artes, onde apresentaram os dados históricos. É um movimento de toda a população parnaibana esse reconhecimento de sua identidade e das pessoas reais de sua terra, como já citado anteriormente.

<sup>27</sup>

O acesso mais universal a conteúdos que antes eram “exclusivos” de estudantes universitários expande o sentimento e a necessidade de transformação a partir do poder popular. O que exponho aqui é o quanto a produção que esse povo faz, de sua existência, é reconhecida ou ao menos estimada pela academia tradicional. Quando me refiro a tradicional, falo de toda essa linhagem de pensamento geográfico tradicional (que entendo o uso, a necessidade de abordagem e iniciação, mas não a continuidade e a ênfase dada aos “fundadores”) que ainda rege a produção e a forma como analisamos cidades e realidades que já não cabem nos modelos propostos. Por vezes as aproximações que, como estudantes, realizamos, parecem absurdas e risíveis mas apresentam não mais do que nossa realidade tentando se encaixar em modelos europeus absurdos (outra formação social e física) também há toda uma discussão e um movimento (decolonial) em torno do uso de autores e referências nacionais e regionais, mais ênfase aos povos originários, seus ensinamentos e tradições na produção de conhecimento local e na produção científica brasileira.

Projeto pra nós (toda essa geração de estudantes e pensadores quiçá-pesquisadores a que pertenço) grande desenvolvimento, não só acadêmico, mas pessoal, social, até ambiental. Todas as manifestações e temas que acessamos nessa experiência coletiva de ser paulista e brasileira/o e ser humano conectado tem enriquecido grandemente nossa sociedade (isso as ciências humanas já discutem há alguns anos, mas a internet acelera o processo), abrindo portas e mentes para a produção (também intelectual) independente, autônoma.

Trata-se aqui de mudanças que se dão em diversas escalas. Na sociabilidade, na relação política entre indivíduos, na relação entre estes e a sociedade, nas relações de produção e no tipo de produto criado. Não se trata, portanto, de revolução social propriamente dita. O que precisamos nos perguntar é se estas mudanças não acumulam práticas relevantes para a constituição de um poder popular. Se elas não criam um campo de possibilidades de organização e sociabilidade impossíveis no sistema capitalista – e por isso mesmo um contrapoder.“(...) Só há prática radical se o intelectual estiver de fato ao lado do povo, buscando soluções coletivas para as coisas mais prosaicas (abrigar-se) às mais altas do espírito (a discussão sobre arte, socialismo, etc.).“ (USINA, 2006)

## Referências

BAITZ, Ricardo. Implicação: um novo sedimento a se explorar na geografia, <https://drive.google.com/file/d/0B35naN2DJK9XSVpIS3M5SDdqZGM/view>. Acesso em: 11 de janeiro de 2018

CARVALHO, Márcia Siqueira de. **A geografia desconhecida**. Londrina: Eduep, 2006.

CESAR, Vitor. Urbanismo 1:1, 2008. <http://urbania4.org/wp-content/uploads/2010/10/revista-urbania-3.pdf>. Acesso em: 3 de julho de 2018

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. - 4.ed.rev. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014 (cap. 1)

EMTU - Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo - Empreendimentos <http://www.emtu.sp.gov.br/emtu/empreendimentos/empreendimentos/corredor-metropolitano-itapevi-sao-paulo-fss>. Acesso em 08 de fevereiro de 2019

FOUCAULT, Michael. **Outros espaços**. In: Ditos e Escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2ª edição, 2009.

GOODSON, Ivor. **Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução**. In: Porto Alegre: Pannonica, v. 1, n. 2, p. 230-254, 1990.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HARVEY, David. A liberdade da cidade, 2008. <http://urbania4.org/wp-content/uploads/2010/10/revista-urbania-3.pdf>. Acesso em: 3 de julho de 2018

HERNANDEZ, Fernando. **Como os docentes aprendem**. Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre, ano 1, nº4. P.9-13, fev/abr 1998

JUNIOR, Sergio Ehnert M. O saber geográfico em perspectiva: diálogos entre epistemologia, história e ensino em geografia humana. 2016. 148 fls - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

KAISER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo - 2006  
[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Tarik/2012/FLG0435/BPG\\_84.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tarik/2012/FLG0435/BPG_84.pdf). Acesso em: 17 de julho de 2018

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos, 2006.  
[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Tarik/2012/FLG0435/BPG\\_84.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tarik/2012/FLG0435/BPG_84.pdf). Acesso em: 16 de julho de 2018

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001

MAGNANI, José Guilherme. Santana do Parnaíba: Memória e Cotidiano, 2007.  
<http://www.n-a-u.org/magnanisantanadoparnaibav2.html>. Acesso em: 18 de junho de 2018

MORAES, Antonio Carlos Robert. **GEOGRAFIA, Pequena História Crítica** - 21ª edição, São Paulo: Annablume, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. - 20ª edição : Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. Ecce Homo, São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 64, apud

OLIVEIRA, Ariovaldo. **TGI: a concepção e o problema**. In: TGI em discussão - Relação dos TGIs do Departamento de Geografia-USP. Revista Paisagens. P.09-11 - São Paulo, Ed. Humanitas, 1998

PAGADOR, Gustavo Gomes. Coletivos Culturais de Periferia frente à violência simbólica: O caso do Cine Campinho. 2018. 72 fls. Universidade de São Paulo/2018

REIS, Maurício de Novais, ANDRADE, Marcileia Freitas. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. Revista Espaço Acadêmico -n.202 - Março/2018.

SANTOS, Milton. A forma e o tempo: a história da cidade e do urbano. In: Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional. Publicado como “A forma e o tempo: a história da cidade e do urbano”, em Ana Fernandes e Marco Aurélio A. de Filgueiras (orgs), Cidade e História: Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1992.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia. Uma abordagem teórico-metodológica. 2006.

[http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Tarik/2012/FLG0435/BPG\\_84.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tarik/2012/FLG0435/BPG_84.pdf). Acesso em: 23 de julho de 2018

UNILA (Universidade de Integração Latino Americana), Ciclo Comum, Acesso em Setembro de 2018. [https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PPC%20Ciclo%20Comum%20-%20antes%20altera%C3%A7%C3%A3o%20\(17\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PPC%20Ciclo%20Comum%20-%20antes%20altera%C3%A7%C3%A3o%20(17).pdf)

USINA. Arquitetura, política e autogestão, 2008. <http://urbania4.org/wp-content/uploads/2010/10/revista-urbania-3.pdf>. Acesso em: 3 de julho de 2018

VENTURI, Luís A. B. O papel da técnica no processo de produção científica, 2006. [http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Tarik/2012/FLG0435/BPG\\_84.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tarik/2012/FLG0435/BPG_84.pdf). Acesso em: 4 de julho de 2018

ANEXO A - Só tem uma lei que vai conseguir mudar o Brasil

Ela se chama lei-tura

Brasil de quem? Pt2 - MC Sid

ANEXO B - E eu trabalho com rap para que o país mude em breve

E alfabetize os muleque pra ler minhas frases (Brasil de Quem Pt1 - MC Sid)

ANEXO C - “Se admitirmos, como Castro (1995), que a realidade está presente em todos os recortes espaciais possíveis; que o recorte dos espaços de conceituação não fragmenta a realidade; que os diferentes recortes podem revelar qualidades diversas dos fenômenos que se deseja estudar; e que, finalmente, o recorte serve para explicitar e dar visibilidade àquilo que se deseja pesquisar e analisar, conclui-se, como a autora citada, que não há hierarquia entre os diferentes recortes espaciais possíveis, nem recorte mais ou menos válido para a pesquisa e o trabalho de campo em Geografia.

Por isso, é oportuno lembrar, com os autores citados no parágrafo precedente, que os recortes mais abstratos vão favorecer e dar visibilidade à informação estruturante, aos dados agregados, aos fenômenos latentes e à tendência à homogeneidade e ao “modelo”, enquanto os recortes mais concretos vão valorizar a informação factual, os dados individuais ou desagregados, os fenômenos manifestos e a tendência à heterogeneidade. (13) SERPA, Angelo -BGP 84

ANEXO D - “Vale ressaltar que, num trabalho científico, a obtenção de dados nunca é aleatória, mas está sempre vinculada a um objetivo, a uma problemática preestabelecida. Esta é a condição básica para que os dados possam atribuir objetividade ao trabalho científico, já que eles não o fazem por si só”.

Luís A. Bittar Venturi, O papel da técnica na pesquisa geográfica, BPG 84

ANEXO E- O campo é para o geógrafo, imprescindível. As técnicas de campo, surgidas em um momento histórico da disciplina, tornaram-se também imprescindíveis, mas esquecem-se desse seu “surgimento histórico”.

Tais técnicas hoje estão tão interiorizadas nas múltiplas ciências que se tornaram quase um novo pressuposto, tal como ir ao trabalho de campo, e por isto são esquecidas enquanto um momento histórico do conhecimento, pois foi num certo momento da história que elas surgiram e se proliferaram.

Enfim, as conhecidas técnicas científicas se remetem à história do pensamento analítico, que em sua tentativa fugaz de desvendar o mundo, “esquartejou-o” para que houvesse partes a analisar. Caberiam muitas críticas a essa abordagem, mas sua contribuição é inconteste à medida que ela também sofreu um progresso e saiu do estágio primitivo da separação, adentrando a articulação, que foi inicialmente externa e posteriormente interna, chegando à dialética.

Notado haver esse progresso, permanece a crítica ao método da cisão por alicerçar-se na separação entre o sujeito e o objeto, o que é bastante controverso nas Humanidades, onde se sabe não existir uma nítida linha demarcatória entre o território do primeiro e o do segundo (se é que tal linha, em quaisquer ciências, existiu algum dia). Embora contestada, a prática da separação sujeito-objeto infelizmente enraizou-se profundamente no ocidente, sendo aplicada às massas indistintamente. (BAITZ, Ricardo. Implicação: um novo sedimento a se analisar na geografia, p.26)

ANEXO F - “Mas, seguramente, é preciso não começar por aí: começar a apoiar-se exaustivamente em obras gerais, fontes estatísticas e de arquivo, referências metodológicas, estudos locais, como é recomendado fazer antes de ir para o terreno, é não apenas uma perda de tempo como também um risco de deformar antecipadamente a própria capacidade de análise. Esta deve ser elaborada, educada pacientemente, pela aquisição progressiva de uma base doutrinal (não doutrinária, nem sectária!) sólida: a formação teórica é indispensável – mas quem a dá? É preciso adquiri-la – e a educação política também. Sem base teórica e política, como analisar uma situação?”(KAISER, P.98)

ANEXO G - “O que se acha diante de nós é o agora e o aqui, a atualidade em sua dupla dimensão temporal e espacial (...)”, elementos estes não excludentes, dialeticamente articulados e irrecusavelmente imbricados no cotidiano dos sujeitos: “(...) o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social”. SANTOS, 1996

ANEXO H - “E assim, descobrir eles mesmos seus momentos de resistência, suas expressões de resistência, suas bases para construir uma ideologia, e descobrir que é ele mesmo que tem de construí-la, num processo do qual, sem dúvida, nós participamos. (...)”

A leitura crítica da realidade, tem de juntar a sensibilidade do real e, para ganhar esta sensibilidade ou desenvolvê-la, precisa de comunhão com as massas” (Freire e Faundez, por uma pedagogia da pergunta, p.39)



ANEXO I - “As coisas não são bem reais até que tenham nomes e possam ser classificadas de alguma maneira. A curiosidade pelos lugares faz parte da curiosidade geral sobre as coisas, surge da necessidade de qualificar as experiências; adquirem assim um maior grau de permanência e se ajustam a algum esquema conceitual.” Tuan, Espaço e Lugar. p43

ANEXO J - “As razões profundas dessa recusa são também a ligação de um grande número de professores ao discurso tradicional, aos cursos que preparam na agregação ou no CAPES, e, sobretudo a ideia de que a pesquisa só pode ser o coroamento de uma formação, um desenvolvimento individual reservado a uma elite de alto nível. Neste período em que o governo liquida a Geografia no ensino secundário, aproveitando-se que a opinião pública não atenta para os significados políticos destas medidas (conforme Hérodote nº 4), torna-se aberrante continuar formando estudantes apenas para um concurso logo sem finalidade.” Lacoste, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos p.86

ANEXO K - “A pesquisa acadêmica, quer dizer, a pesquisa pela pesquisa desenvolve-se, na verdade, fora desta lógica. Tal como é correntemente praticada na esfera universitária, é criticável em seu próprio princípio, em suas modalidades, em sua pretensão, em suas implicações e seus resultados, se a ela aplicarmos uma análise teórica e política sem concessões quem pode negar que ela não seja, antes de tudo, um meio de promoção acadêmica de um indivíduo ou de um grupo?” Kaiser, Bernard. P.94

ANEXO L - “Nós temos tanto pra falar e as vezes não deixam, não querem ouvir  
Mas a gente tem que lutar, tem que se inconformar”  
Ruth de Souza - Programa recordar é TV - TV Cultura

ANEXO M - Como garantir a cientificidade exigida pela academia? Essas, e tantas outras dúvidas que nos norteiam durante a pesquisa, fazem com que muitas vezes o tema propriamente dito assumam um segundo plano neste momento inicial. A escolha do modo de realização da pesquisa irá depender do tema e dos objetivos da pesquisa que devemos desenvolver. Em minha experiência específica, de todas estas questões havia uma única certeza: a do caráter qualitativo que a pesquisa teria. Outra questão que havia também ficado clara era aquela relativa à discussão sobre a neutralidade da ciência. Concluí o curso convencida de que não existe ciência neutra, porque não existe ciência sem compromisso. De fato, a opção do tema de pesquisa e de quem nos auxiliará a trilhar esta estrada revela, a um só tempo, o compromisso e a ciência que pretendemos fazer. (DE MARCO, Pesquisa Participante, BPG 84, 2006)

ANEXO N - Afinal, não deveria haver incompatibilidade, em termos de procedimento, entre a análise da individualidade dos fenômenos e o resgate de sua dimensão histórica, nem mesmo entre uma concepção de ciência interessada na história e na mediação homem-natureza e uma outra voltada para a essência dos fenômenos. Como Sposito (2004), pode-se concluir que o método, seja ele fenomenológico ou dialético, “contém suas leis, sua base ideológica, suas categorias para a elaboração dos vários conceitos e teorias que nos permitirão realizar nossa leitura científica de mundo” (SPOSITO, 2004, p. 65). (20)

Portanto, dialética e fenomenologia não se excluem no trabalho de campo em Geografia. Enquanto métodos podem funcionar como estratégias complementares, buscando-se sempre a construção da síntese sujeito-objeto, própria ao ato de conhecer, ora utilizando-se da história enquanto categoria de análise, ora buscando-se intencionalmente abstrair a historicidade dos fenômenos, visando à explicitação de sua “essência”. Por outro lado, se o espaço é a totalidade verdadeira para a Geografia, a história se impõe como recurso metodológico, já que é através do significado particular de cada segmento do tempo, que apreendemos o valor de cada coisa num dado momento (Compare: SANTOS, 1994). (SERPA, Angelo p.20)

ANEXO O - As atitudes se modificaram no decorrer da década de setenta. O impacto das filosofias fenomenológicas influenciou-as significativamente: o mundo que o indivíduo percebe jamais é objetivamente dado. É preciso fazer um esforço para retornar às sensações e desconstruir aquilo que nossa educação nos ensinou; então, e só então, é possível através de uma descrição crítica e minuciosa das sensações, compreender as coisas como elas são e penetrar na sua verdadeira natureza. Não é este um convite para se refletir a respeito do olhar sobre o real que os geógrafos sustentam há duas gerações? Não é este o momento de lembrar que a paisagem é criada pelo observador e que ela depende do ponto de vista que ele escolheu e do enquadramento que ele lhe dá? (CLAVAL, 2004, p. 48).

ANEXO P - “Esse som é sobre a ciência da persistência versus a preguiça e a descrença

Paciência é a sapiência do espírito

Viver no presente é a base, a chave para seguir bem na viagem

Evita o desgaste desnecessário durante o seu itinerário no planeta

Esse som é sobre o processo

O PROCESSO É LENTO”

Bnegão e os Seletores de Frequência - O Processo

ANEXO Q - “Quintal da Soucek”, em 2016 (esquerda), 2017 (centro) e 2019 (direita)



ANEXO R - Evento Coleção Natural no espaço da Dramaturgia Rural, 2017

